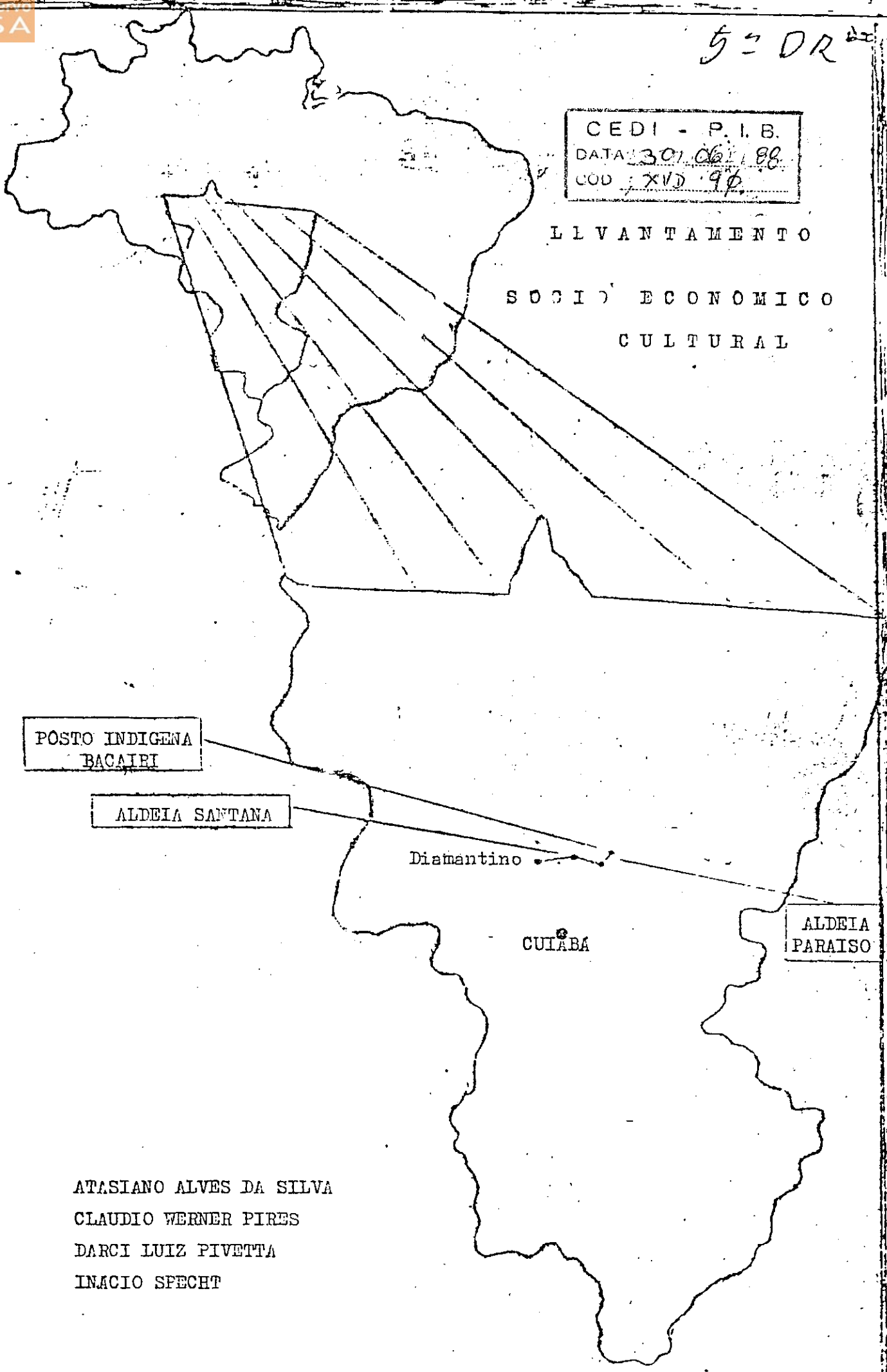


5 = DR

CEDI - P. I. B.
DATA: 30/06/88
COD: XIV 96

LEVANTAMENTO
SOCIO ECONOMICO
CULTURAL



POSTO INDIGENA
BACAIBI

ALDEIA SANTANA

Diamantino

CUIABA

ALDEIA
PARAISO

ATASIANO ALVES DA SILVA
CLAUDIO WERNER PIRES
DARCI LUIZ PIVETTA
INACIO SPECHT

LEVANTAMENTO
SOCIOECONOMICO
CULTURAL

O presente relatório foi elaborado pelos estudantes componentes da equipe do Projeto Rondon V destinada aos índios do Posto Indígena Bacairí, Aldeia Santana e Aldeia Paraíso.

É o resultado de uma primeira abordagem, com a única pretensão de servir de roteiro para as pessoas interessadas na promoção destes índios ou dispostas a um estudo mais aprofundado sobre os mesmos.

São os seguintes os componentes da equipe: Atasiano Alves da Silva (Ciências Sociais), Claudio Werner Pires (Pedagogia), Darcí Luiz Pivetta (Ciências Sociais) e Inácio Specht (Pedagogia). Todos estudantes das Faculdades Anchieta (Via Anhanguera Km 26 - São Paulo).

FACULDADES ANCHIETA

Caixa Postal 11587 São Paulo 10 - SP

ALDEIA PARAÍSO

INDIOS CHAVANTE (XAVANTES)

Este trabalho é apenas uma constatação de fatos. Andamos 12 Km a pé para chegarmos à Aldeia Paraíso, pois nosso Toyota ficou no outro lado do Paranatinga, devido ao tempo das cheias.

Encontramos a Aldeia enlutada pelo falecimento do seu fundador Pedro Vanne de Oliveira, ocorrido 8 dias antes de nossa chegada. Ao mencionarmos o nome do sr. Pedro Vanne de Oliveira aos índios, sensibilizavam-se até às lágrimas.

Os Chavante da Aldeia Paraíso anteriormente residiam no Pôsto Bacairí (Simões Lopes), e foram transferidos pelo sr. Pedro Vanne de Oliveira para seu atual habitat, confinado dentro da área do Pôsto Bacairí. Uma "epidemia" na lavoura foi a razão que levou os Chavante a fixarem-se na Aldeia Paraíso. O sr. Pedro Vanne de Oliveira acompanhou-os à Aldeia Paraíso, deixando o Pôsto Bacairí, o qual estava sob seu encargo. Após seu passamento, seu corpo não deixou a aldeia Paraíso, sendo aí sepultado conforme a tradição Chavante, na entrada da aldeia.

A Aldeia estava entregue a si mesma quando lá estivemos (dia 25 de janeiro de 1970). A pessoa que poderia prestar informações mais precisas sobre a aldeia, a vva. Pedro Vanne de Oliveira (chefe da Aldeia), estava ausente. O capitão Chavante estava caçando. Assim, os dados que apresentamos e relacionamos são fruto de uma observação bastante rápida.

D A D O S G E R A I S

LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

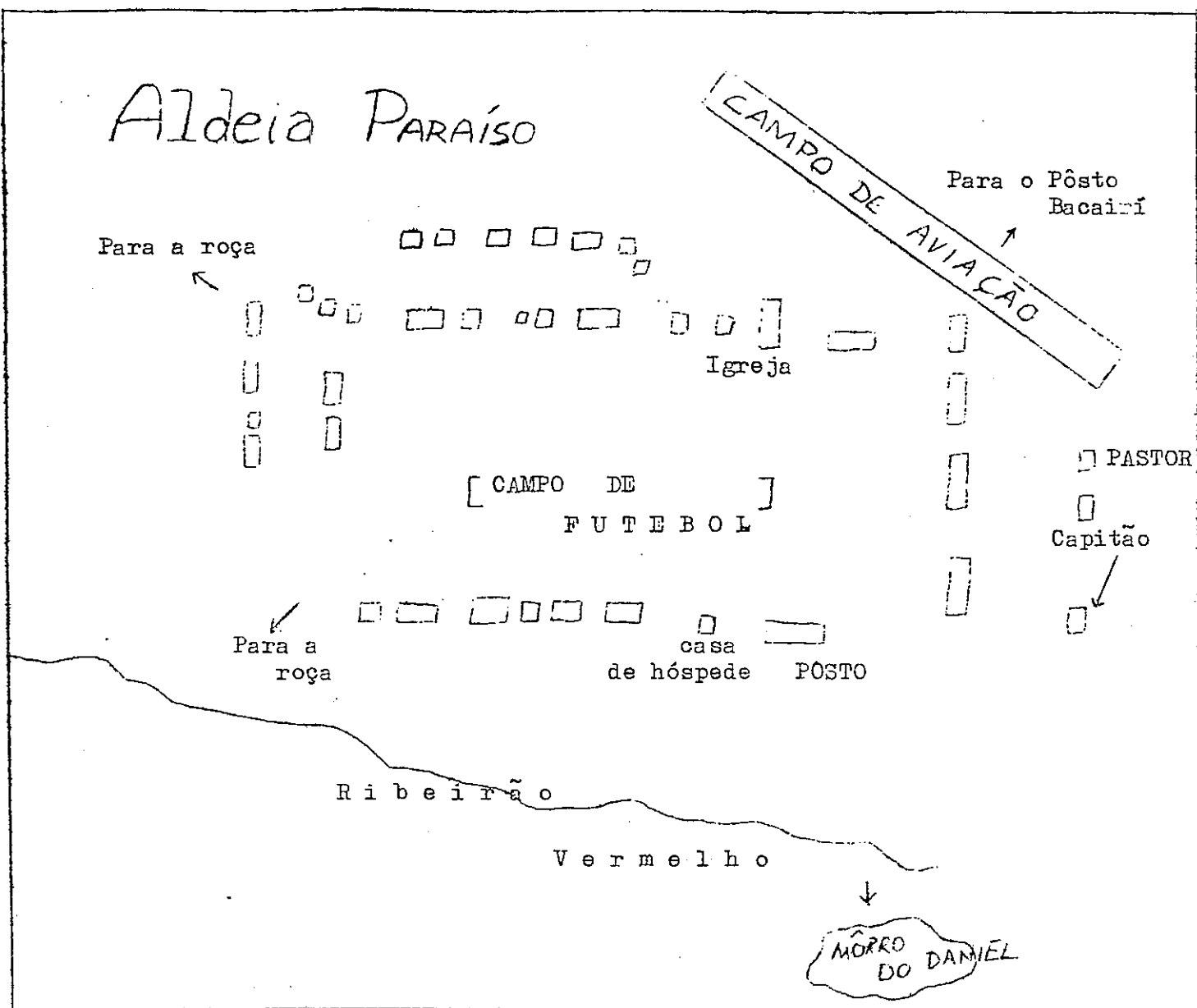
A Aldeia Paraíso está situada dentro da área indígena pertencente ao Pôsto Bacairí (Simões Lopes), no município de Chapada dos Guimarães (Mato Grosso). Dista 12 Km dêste Pôsto e está localizada às margens do Rio Vermelho e próxima do Mórro do Daniel.

Para atingí-la, a melhor maneira é por via aérea, pois possui um bom campo de pouso de chão batido, o que é muito comum nas fazendas do sertão matogrossense. Outra via de acesso é pelo Pôsto Bacairí, o qual está ligado por estrada de rodagem a Cuiabá, via Nobres ou Paranatinga. Até Nobres são 240 Km, passando-se pela fazenda do Peiol, junto ao rio Paranatinga (Teles Pires) onde há uma balsa; pelo Retiro Santa Clara, Rio Nôvo e Nabor. Até Paranatinga são 100 Km. Tanto uma como outra, são estradas em péssimo estado de conservação, tornando a viagem longa e incômoda.

A vegetação do lugar é a da região do cerrado, com uma fauna bastante rica, sendo o clima tropical úmido, com 2 estações: a das chuvas (stembro até abril) e a da seca (maio até agosto).

A ALDEIA E A SUA POPULAÇÃO

Entrando na Aldeia vamos encontrar um conjunto de 38 construções em volta de um campo de futebol, construções estas feitas de armação de madeira preenchida de barro. A isto êles chamam de tapera barreada. Geralmente possuem duas peças, parcialmente mobiliadas. Não usam cama: a maioria dorme em esteiras, no chão, e alguns em rêdes. Num dos cantos da casa três pedras servem de fogão, chamado por êles de fôrno. Guardam dentro de casa as ferramentas, penduram a roupa junto à parede e não possuem bancos para assentar-se, nem mesa, nem bilha para água.



As taperas são cobertas com palha de buriti; não possuem janelas, apenas portas, geralmente duas, uma na parte da frente e outra nos fundos.

Além das construções que servem para moradia dos índios, em número de 33, encontramos mais 5: a do Pôsto, a casa de hóspedes, a da Igreja e 2 ocupadas pelos missionários americanos (evangélicos).

A população total de índios era em 22/5/68, conforme relatório do P. Thomaz de Aquino Lisber SJ de 243 pessoas: 65 homens, 54 mulheres, 67 meninos (menores de 14 anos) e 57 meninas. Estes dados foram corrigidos pelos de 18/7/68, do mesmo padre, com os seguintes resultados: homens - 65, mulheres - 55, meninos - 77 e meninas - 68, num total de 265 pessoas.

Os índios pertencem à tribo dos Chavante (Ahuvée na língua que falam), com exceção de uma índia, a qual pertence aos nambiquaras e está casada com Chavante.

Atualmente a maioria se diz "crente" (membro da Igreja Evangélica Independente) e abandonaram muitos dos antigos costumes e tradições.

DADOS HISTÓRICOS

Estes Chavante vieram da região do rio Batovi, do Pôsto Marechal Rondon. Aí desentenderam-se com um dos chefes de Pôsto e vieram estabelecer-se na área

dos Bakairi, primeiramente no Retiro das Vacas e depois no próprio Pôsto.

No Pôsto, não houve miscigenação de raças, nem de culturas; apenas intercâmbio de objetos. Aí ficaram até 1963, quando passaram ao atual habitat onde alguns já estavam estabelecidos.

S A U D E

ESTADO SANITARIO DA POPULAÇÃO E ASPECTOS DA INFRA-ESTRUTURA SANITARIA DA ALDEIA

É bastante satisfatório o estado sanitário da população em geral: são índios grandes, fortes, bastante saudáveis. Não encontramos ninguém adoentado, mas nos informaram que são atingidos pela gripe, pela tosse, verminose e malária.

Alimentam-se 2 vezes ao dia, de manhã e de tarde, sendo o milho a base de sua alimentação. Comem também mandioca, arroz e em menor escala batata doce, abóbora, moranga, melancia, mamão, cana-de-açúcar, cará, banana, ovos e produtos da caça e pesca. Comem bastante e suas colheitas, apesar de serem abundantes, não os fartam suficientemente durante o ano todo. O leite, praticamente, está fora de seu regime alimentar.

Conseguem água do ribeirão próximo da Aldeia, o rio Vermelho, onde diariamente também tomam banho de manhã cedo, ao começar o dia. Os homens são mais asseados do que as mulheres e de tarde, voltando do trabalho tomam novo banho. Apesar destes banhos diários, são portadores de piolhos e os têm em grande quantidade. As mulheres têm o mau costume de catá-los e trincá-los na prêsa.

Não possuem fossas para dejetos e lixo, sendo usados para tal fim os arredores da própria habitação e os matos junto à aldeia.

Igualmente encontramos nos arredores das habitações porcos, galinhas e cães (magros e pestilentos); aí estão soltos, em lugar onde os índios costumam sentar-se no chão e também lugar onde todos pisam, a maioria com os pés descalços.

Grande parte dos homens possuem calçados, pequenas botas, mas as mulheres não; só andam descalças.

Dormem em esteiras, no chão, junto aos cães. Alguns possuem rede, o que já evita mais este contato pouco higiênico.

RECURSOS MEDICOS

No local dispõem de um enfermeiro, o índio Cleto, Chavante mesmo, o qual fez um estágio prático de 1 mês no Hospital Evangélico do Icauí (Dourados).

Possuem enfermaria, pequena, com os medicamentos de maior necessidade e procura. Os casos de maior vulto são encaminhados para o Hospital Santa Helena (Cuiabá) onde são bastante bem atendidos, correndo as despesas tôdas pela FUNAI, inclusive a do transporte, não menos vezes por via aérea.

Atualmente necessitariam de uma visita que lhes desse atendimento odontológico, de laboratório e de Raios X.

NATALIDADE E MORTALIDADE

O que pudemos constatar quando ao número de nascimentos e óbitos é que está bastante elevado o primeiro e pouco acentuado o segundo.

E D U C A Ç Ã O

A educação é iniciada na família e com um valor relevante na tribo. A escola é uma complementação da qual os pais não exigem muito.

A criança é educada e respeitada como uma pessoa. Os pais não impingem nada diretamente no filho sendo que êle mesmo adquire por observação e repetição o comportamento e o agir da tribo.

Como todos vivem na mesma situação econômica e social só com um estudo mais aprofundado poder-se-ia descobrir deficiências psicológicas e resultantes da falta de valorização de suas iniciativas que não são muitas.

A idade escolar varia muito. Segundo os desejos da própria criança, bem como quanto ao estímulo dado pelos pais. As aulas são dadas na casa do capitão, pelo índio Cleto, que também é professor.

Conforme pesquisa do P. Thomaz de Aquino Lisboa SJ em 18/7/68, existiam 145 crianças na aldeia, das quais 77 meninos e 68 meninas. Atualmente apenas 22 crianças frequentam escola: 13 meninos e 9 meninas.

As crianças aprendem a ler e escrever; tanto a língua portuguesa como a Chavante fazem parte deste aprendizado. É importante para êles o saber ler na língua nativa, pois o culto possui material traduzido para êles. A leitura bíblica em Chavante é feita nos cultos, geralmente, pelo índio Manoelito.

O número de alfabetizados é reduzido e na escola o português é muito pouco usado, predominando a língua nativa. O próprio índio Cleto não entende bem o português e fala um número de palavras muito reduzido.

O material escolar é fornecido pela FUNAI. O material didático é mínimo: quadro negro, giz, cartilhas, cadernos e lápis, fornecidos também pelo pastor evangélico.

No encerramento do ano letivo fazem uma festinha, que consiste na declamação de poesias, cantos e palavras do professor.

Quanto à alfabetização de adultos, começou um pequeno movimento neste sentido, mas foram pouco satisfatórios os resultados. Houve o desânimo e a iniciativa não foi em frente. A única instrução que atualmente os adultos recebem é a religiosa.

E C O N O M I A

Do aspecto econômico atual, quase tudo o que há, foi adquirido dos civilizados. Os índios da Aldeia Paraíso ainda não assimilaram bem a nossa cultura e ao lado desta continuam fabricando alguns artefatos da cultura nativa, aproveitados para o comércio.

AGRICULTURA

A base da economia destes Chavante é o milho. A mandioca também ocupa um lugar de destaque e destas duas fontes é que saem os seus pratos diários.

Também confiam muito na caça, que aí é abundante. Com isso não solidificam tanto a agricultura. A pesca e a prodigalidade de frutos silvestres igualmente favorecem isto.

Além do milho e da mandioca, cultivam abóbora, melancia, mamão, maxixe (pepino do mato), feijão, arroz, batata e outros produtos da lavoura.

O milho é colhido e transportado para casa com cestos chamados "baquités" que são colocados às costas e presos na cabeça por uma fibra de buriti.

O milho é ralado à mão, com o auxílio de um ralador. Da farinha daí resultante é preparado o "revirado" que consta de milho, carne de caça, sal e água.

A mandioca também é ralada a mão com o auxílio do ralador. Daí provém a farinha e o polvilho. Amassa da mandioca ralada é aproveitada para fazer o beijú que corresponde ao nosso pão cotidiano.

PECUARIA

Não possuem gado leiteiro, embora haja na aldeia possibilidades para isto, pois possuem nos arredores pastagens formidáveis para a criação. Ainda não está preocupado, o pessoal desta aldeia, na criação de animais domésticos, pois a caça é abundante; alguns, todavia, possuem vaca, galinhas, porcos, cavalo e burro. Usam o cavalo ou o burro para montaria, para atingir as fazendas mais próximas ou para a volta da lavoura. Há uma criação destes animais pertencente ao Pôste.

COMERCIO

Quase todas as famílias possuem armas de caça; alguns revólver. Fabricam arcos e flechas e bordunas. Também para o comércio fabricam tais objetos. A borduna é uma espécie de remo, de uso manual, empregada para abater animais de caça.

Além de armas, comerciam instrumentos musicais e adôrnos com os civilizados ou com seus vizinhos os Bakairi.

Para o transporte usam baquités (cestas) ou cargueiros (outro tipo de cestas - 2 bolsões colocados no lombo do animal). Levam seus produtos agrícolas para os estabelecimentos mais próximos, mas aí muitas vezes são logrados. O comprar exige preço baixo e como o índio não quer voltar com seus produtos, acaba cedendo às exigências desonestas. Seria bom que a FUNAI providenciasse uma solução para esse problema, isto é, que garantisse o escoamento da produção da aldeia. Estes cestos também são vendidos ou trocados, principalmente com os Bakairi.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A FAMÍLIA

A monogamia é praticada entre os Chavante da aldeia Paraíso. Por preceitos religiosos cada um pode ter uma companheira ou companheiro. Fomos informados pela chefe do Pôsto Bakairi (Simões Lopes) que existe muita infidelidade e de ambas as partes. Isto é um dado relevante, uma vez que a religião crente condena tal modo de proceder, e perante a qual os mesmos interessados se desculparam como sendo um preceito que não pode ser exigido deles, pois dizem gostar de ambas. Concretamente, não constatamos o fato, apenas fomos notificados da existência do mesmo.

Existe, embora não oficialmente, a troca de mulheres e de maridos entre os grandes amigos, segundo a chefe do Pôsto Bakairi.

O casamento está em parte nas deliberações dos interessados: noivo e noiva. Os pais tem seu papel. Há um caso de casamento intertribal. Uma moça Nambiquara casou-se depois de muita luta com moço Chavante; a dificuldade maior foi por parte da parentagem do rapaz, os pais não tiveram objeções desde o início, conforme nos foi notificado.

A idade de casamento do apaz oscila entre os 18 anos até aos 22 anos. O casamento é feito na Igreja, presidido pelo pastor. Foram abandonadas as antigas tradições tribais do casamento, conforme nos contou o índio Adriano, irmão do capitão.

A RELIGIÃO

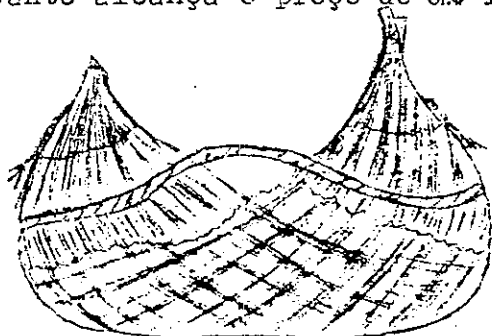
Nesta aldeia existe um pastor americano, ausente no momento, que preside os cultos e ensina a doutrina evangélica aos Chavante. A religião proíbe o uso do fumo, de bebidas alcoólicas e danças. Mesmo mediante a convicção religiosa, alguns índios parecem gostar de um cigarrinho. O índio Daniel, pediu ao Darci um pedaço de fumo que segundo ele era para um sobrinho seu, o qual não conseguimos localizar.

A tradicional festa do Buriti, que não conseguimos conhecer por meio de descrições, foi extinta por razões religiosas. O índio Adriano falou que "Deus não quié... nós fis muito pecado".

Na ausência do pastor, um índio, chamado Manoelito, é o responsável pela realização dos cultos. Faz a leitura da Bíblia em língua Chavante, depois comenta. As atividades religiosas apresentam várias reuniões no decorrer da semana: culto para todos aos domingos; oração para todos às terças, sextas e aos sábados, na Igreja, na parte da tarde; culto só para os homens às quintas, mais ou menos às 18 horas.

CULTURA MATERIAL

Os índios Chavante da Aldeia Paraíso são conhecidos entre os índios Bakairi como os fabricantes de baquitéis. O baquité é uma cesta fabricada com folhas de buriti. Tem uma alça longa que é presa à cabeça e é jogada às costas. É usado o baquité para o transporte de mercadorias da roça para a aldeia. As mães fazem o transporte dos filhos no baquité; o garoto que já tem contróle de si, é colocado sobre a carga e ele procura firmar-se na alça. Entre os Bakairi um baquité Chavante alcança o preço de Cr\$ 12,00.



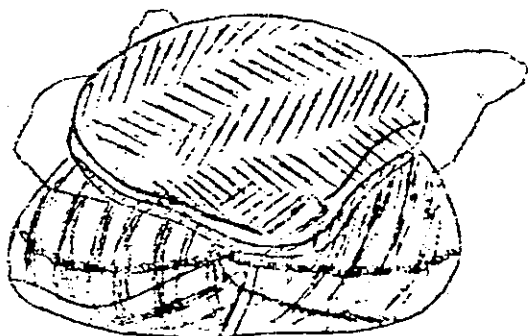
BAQUITE DE FABRICAÇÃO CHAVANTE
fabricado com folhas de buriti

Os Chavante ainda utilizam o arco e a flecha para abater a caça ou para a pesca. Contudo o uso de armas de fogo é generalizado e em tôdas as casas que entramos, haviam armas de fogo. O problema é a aquisição da munição que é difícil devido à distância das casas de negócio que as revendem. Isto explica a presença do arco e da flecha.

Encontramos a borduna Chavante. Foram poucas (cinco), mas mesmo assim não conseguimos identificar de que carne de madeira eram feitas.

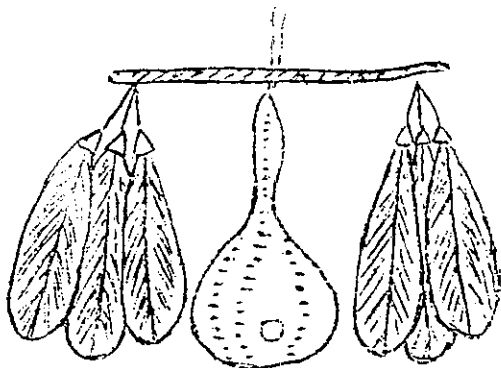
Também fabricam o ralador.

Encontramos alguns objetos que nos pareceram de luxo. Vários tipos de bolsas para mulheres, nos mais diversos tamanhos. A mais característica delas é o Chiono (Xiono). Tôdas estas bôlsas são feitas para o comércio, conforme nos disseram.



CHIONO - uma pequena bolsa para uso das mulheres, feita com folhas de buriti.

Uma pequena cabaça com quatro orifícios, presa em um bastão ornamentado com penas de papagaio, que estão presas no bastão por uma corrente de pequenas sementes, foi o único instrumento musical que encontramos entre os Chavante. Seu nome em língua Chavante, conforme o índio Pedro, outro dos irmãos do capitão, é KUMREHIRUTORE. Dêste instrumento são tiradas várias notas que dão uma música monótona e com um certo timbre nostálgico e triste, para nós que observamos de fora.



KUMREHIRUTORE - instrumento musical
consta de uma pequena
cabaça com quatro orifícios

Observamos que todos os adultos do sexo masculino apresentam um orifício em cada um dos sóbulos das orelhas. Estes orifícios são feitos com um pequeno osso de onça parda, segundo informações do índio Adriano. Por ocasião das festas, nestes orifícios se introduzem um pequeno bastonete de madeira.

As mulheres tôdas tem o cabelo comprido. Uma excessão é a índia Nambiquara que tem o cabelo curto, bem aparado e tratado. O corte de cabelo dos homens não tem diferença do comum do habitante do interior do estado do Mato Grosso. Não havia nenhum jovem cabeludo. Não constatamos o corte de cabelo em forma de corôa de frade, ou em forma de prato, característica do grupo GE, no qual estão filiados os Chavante.

A pintura do corpo é familiar aos habitantes da Aldeia Paraíso. Nas ocasiões de festas é usada. Encontramos um menino de seus 6 anos, com a face tôda em vermelho. O jenipapo e o urucu são plantas usadas por êles para a pintura do corpo.

Os homens vestem-se com roupas limpas, os mais novos. Usam calçados, os mais novos em sua totalidade; os mais idosos andam descalços. As mulheres andam tôdas descalças. Os vestidos das mulheres têm um denominador comum: a sujeira que não permite identificar a côr natural.

A quase totalidade dos Chavante não tem idéia do que seja uma hora. Guiam-se pelo sol; entre os jovens que já trabalharam fora, encontramos dois que possuem relógio.

SENSO COMUNITARIO

Observamos a divisão do trabalho existente entre as mulheres Chavante, bem como o sentido de cooperação mútua que reina na fabricação da farinha de mandioca. Haviam umas 8 mulheres trabalhando na fabricação da farinha. Umras raspavam a mandioca, outras ralavam a mandioca raspada e as restantes tiravam o polvilho da mesma. O mesmo fato observamos no trabalho com o milho.

Mais ou menos às 13 horas, chegou na aldeia um carro puxado por 3 juntas de bois que trazia milho, melancia e mandioca. Este carro ia desfilando por tôda a aldeia. Fêz 3 paradas. Nestas paradas as famílias da redondeza se aproximavam para receber uma parcela de cada mercadoria, que era regulada por 2 índios. Não conseguimos apurar o critério que regulava a quantidade que cada um recebia. Este sentido os mantém muito unidos, formando um pequeno mundo perdido no sertão agreste.

I N D I C E
=====

<u>ALDEIA SANTANA (INDIOS BAKAIRI)</u>	
I. DADOS GERAIS	3
1.1 Localização e características geográficas	3
1.2 População	3
1.3 Composição Étnica	4
1.4 Breves dados históricos	5
II. EDUCAÇÃO DA ALDEIA SANTANA	7
III. CONSTITUIÇÃO FAMILIAR NA ALDEIA SANTANA	8
IV. CONDIÇÕES DE SAÚDE E HIGIENE	9
V. SETOR ECONÔMICO	10
5.1 Agricultura	10
5.2 Condições de trabalho	10
5.3 Indústria e Comércio	10
5.4 Filosofia Econômica do índio da Aldeia Santana	11
5.5 O Absurdo da Pecuária	11
5.6 Impotentes perante a Justiça	11
VI. RELIGIÃO	12
6.1 A festa do milho	12
VII. CONCLUSÃO	13
7.1 Saúde	13
7.2 Economia	13
7.3 Escola	13
7.4 Religião	13
<u>POSTO INDIGENA BAKAIRI (INDIOS BAKAIRI)</u>	
I. DADOS GERAIS	14
1.1 Localização e características geográficas	14
1.2 Superfície e População	14
1.3 Composição Étnica	14
1.4 Dados históricos	16
II. SETOR ECONÔMICO	16
2.1 Subsistência	17
2.2 Agricultura	17
2.3 Comércio	17
2.4 Pecuária	18
III. SETOR EDUCACIONAL	18
IV. CONSTITUIÇÃO FAMILIAR	19
V. SAÚDE	20

VI. CULTURA MATERIAL	20
VII. RELIGIÃO	20
VIII. SENTIDO COMUNITARIO	21

ALDEIA PARAISO (INDIOS CHAVANTE - XAVANTES)

I. DADOS GERAIS	22
1.1 Localização e características geográficas	22
1.2 A Aldeia e sua população	22
II. SAUDE	24
2.1 Estado sanitário da população e Aspectos da infra-estrutura sanitária da Aldeia	24
2.2 Recursos médicos	24
2.3 Natalidade e Mortalidade	24
III. EDUCAÇÃO	25
IV. ECONOMIA	25
4.1 Agricultura	25
4.2 Pecuária	26
4.3 Comércio	26
V. ORGANIZAÇÃO SOCIAL	26
5.1 A família	26
5.2 A Religião	27
5.3 Cultura Material	27
5.4 Senso Comunitário	28

impresso pelas Publicações Universitárias

LEONEL FRANCA

Faculdades Anchieta - São Paulo
Via Anhanguera Km 26 - São Paulo 10
Caixa Postal 11587

julho 1970